

## Formação de recurso humano em enfermagem oncológica no curso de graduação

NOELI M. LISTON ANDRADE FERREIRA<sup>1</sup>, ISABEL UMBELINA RIBEIRO CEZARETI<sup>1</sup>, ELIETI ROMÃO NOBRE ERHART<sup>1</sup>

### Resumo

Com o objetivo de verificar se os enfermeiros que trabalham em Unidades de oncologia se sentem preparados para assistir o paciente com câncer, tendo como base os conhecimentos e habilidades adquiridos no Curso de Graduação em Enfermagem, as autoras realizaram este estudo. Constataram que a formação recebida pelos enfermeiros que atuam na área de cancerologia deixou a desejar, tanto no aspecto do conteúdo teórico e prático que é ensinado nas escolas quanto na metodologia adotada para o ensino desta especialidade. O estudo reforçou a necessidade de que sejam colocadas em prática as "diretrizes para o ensino de cancerologia nos cursos de Graduação em Enfermagem", conforme preconizado pelo Ministério da Saúde.

**Unitermos:** recursos humanos; enfermagem; oncologia

### Introdução

Para discutir sobre a formação de recurso humano em enfermagem oncológica no curso de graduação, necessário se faz lembrar, inicialmente, o significado do termo recurso humano. Segundo Medici et al. (1991), esta expressão é "proveniente das ciências da administração e está subordinada à opinião de quem exerce algum tipo de função gerencial ou de planejamento, seja no âmbito da micro ou macro-instituição". Para esses autores, o conceito de recurso humano é utilizado "em função da finalidade de *intervir* em uma determinada situação para *produzir e aperfeiçoar* ou, também, para *administrar* este recurso específico, que é a *capacidade de trabalho* dos indivíduos" (grifo nosso).

Falando sobre recurso humano em saúde, Vieira e Silva (1982) afirmaram que este deve ser visto como sujeito no sistema de produção, "agente social de mudança". Na opinião destas autoras, "devem ser considerados recursos humanos para a saúde todos os agentes com *capacitação específica* que, dentro de uma sociedade, realizam atividades nos serviços de saúde".

Considerando-se os aspectos básicos abordados nas colocações anteriores (Medici et al, 1991; Vieira e Silva 1982), é fundamental destacar a responsabilidade dos cursos de graduação em enfermagem como órgãos formadores de recurso humano.

Em se tratando da assistência ao câncer, dois aspectos, a nosso ver, adquirem caráter prioritário, exigindo atenção especial no ensino de cancerologia.

Trata-se do aspecto preventivo da doença, que na abordagem do tratamento do câncer é de suma importância, uma vez que, quanto mais precocemente é feito o diagnóstico, maiores chances de sucesso no tratamento se obtém.

Um segundo aspecto de igual relevância diz respeito ao fato de que, apesar dos avanços tecnológicos ocorridos, pouca modificação tem sido percebida, em relação ao coeficiente de mortalidade por esta patologia, nos últimos 40 anos (Brasil, 1988).

Antes de se abordar a formação de recurso humano na área de enfermagem oncológica, sentiu-se a necessidade de retomar, de modo sucinto, aspectos da evolução histórica do ensino de graduação em enfermagem no Brasil, a partir do momento em que se inicia a enfermagem moderna até a data atual, visando-se analisar os determinantes históricos que vêm conduzindo a profissão, inserindo, dentro deste contexto, o que se encontrou registrado em relação ao ensino da Enfermagem Oncológica.

Assim é que, em 1992, teve-se a formação da primeira escola de enfermagem, cuja criação tinha como objetivo formar enfermeiras de saúde pública para atuar nas endemias através do atendimento ao doente e no controle dos contatos em domicílio.

<sup>1</sup>Enfermeiras, docentes do Departamento de Enfermagem, da Escola Paulista de Medicina. COREN/SP nºs 14.817, 4.632 e 4.542 conforme nomes mencionados acima. Endereço do autor para correspondência: Rua Botucatu, 740 - São Paulo - SP - CEP 04023-062

Vale ressaltar que seu currículo era de caráter essencialmente preventivo, apesar de ser exigido das alunas oito horas diárias de atividades no hospital. Esta situação se manteve, também, na década de 30, quando foram criadas novas escolas que seguiram o mesmo modelo (Paixão, 1979; Silva et al., 1979; Vieira et al., 1982; Germano, 1983).

De acordo com Vieira et al. (1982), a década de 40 se caracterizou pelo desenvolvimento industrial, o que conduziu ao movimento de inovação hospitalar, a fim de prestar assistência à população, com base na "exigência de proteger a mão-de-obra e aumentar a produtividade". Alguns dos hospitais, com caráter de hospital-escola, constituíram-se em núcleos de preparo de enfermeiros. O enfoque maior no currículo se centralizava na assistência hospitalar, uma vez que era o mercado de trabalho que definia as práticas de saúde.

Um fato relevante que chama a atenção é que com a industrialização começaram a aumentar os casos de câncer; isto, porém, pareceu não ter trazido preocupação nem às escolas e nem à assistência, que continuavam vendo a saúde como uma questão curativa.

Nesta década, ainda, o ensino de enfermagem foi regulamentado pela Lei nº 775/49 (Decreto nº 27.426/49), a qual estabeleceu a duração de 36 meses para o curso, dispôs sobre o currículo e também sobre as condições de preparação dos enfermeiros. Na definição do currículo, foram destacadas as ciências biológicas e as disciplinas profissionalizantes, e incluídas as disciplinas Sociologia e Psicologia. Percebeu-se, na leitura do elenco das disciplinas, uma pequena ênfase em Saneamento e Enfermagem de Saúde Pública (Silva et al., 1979; Vieira et al., 1982; Castro et al., 1987).

A implantação do novo currículo, de modo geral, não trouxe mudanças consideráveis para o ensino de graduação em enfermagem, porém reforçou o cuidado curativo da assistência, priorizando, ainda mais, o enfoque à doença.

A assistência à saúde passou a ser individualizada a partir do aumento da população previdenciária, afastando-se, cada vez mais, o enfoque de prevenção. O enfermeiro voltara-se às tarefas de liderança de áreas de administração de serviço e de ensino, restando-lhe pouco tempo para assistir o paciente. Porém, as escolas de enfermagem continuavam se esmerando na formação de enfermeiros para o cuidado, enquanto o mercado de trabalho exigia delas o desempenho administrativo e de ensino, tornando evidente a dicotomia entre o ensino e o serviço. No entanto, algumas escolas, preocupadas com a atuação de seus formandos nesta funções, passaram a incluir Pedagogia e Administração em seus currículos (Silva et al., 1981; Vieira et al., 1982).

A segunda reformulação do currículo (Parecer nº 271/62) definiu o ensino superior de enfermagem, propondo um currículo mínimo, excluindo o ensino das ci-

ências sociais e de enfermagem de Saúde Pública do tronco profissionalizante, que passou a ser oferecida em habilitações. Com essa reforma, ocorreu também um aumento da carga horária teórica, em detrimento da carga horária prática. Algumas escolas continuavam se esforçando por preservar um enfoque de Saúde Pública nos seus currículos de graduação (Castro et al., 1987; Moura, 1989).

A ênfase na prevenção é dada às doenças endêmicas e doenças infantis. O câncer ainda não se destaca como prioridade do ensino das prevenções, enquanto que a sua incidência continuava aumentando nas enfermarias dos hospitais gerais, constituindo-se numa das maiores causas de morbidade e mortalidade.

O Parecer nº 163/72 foi aprovado no sentido de melhorar o ensino e a prática profissional, o qual "reconhecia a complexidade crescente de ações de enfermagem e considerava que cabia ao enfermeiro exercer as atividades mais complexas relativas à assistência de enfermagem, na forma requerida pelo meio brasileiro" (Moura, 1989).

Enquanto a política da Organização Mundial de Saúde (OMS) tendia valorizar o aspecto preventivo, através do Ministério da Saúde, este Parecer excluiu o ensino de Saúde Pública do tronco profissionalizante, favorecendo a formação do enfermeiro para a prestação da assistência especializada, indo de encontro com as exigências da política da Previdência Social e do mercado de trabalho (Silva et al., 1979).

Chegou-se à década de 80, com a crise do setor previdenciário. Viu-se, então, o setor de saúde bombardeado por inúmeros planos e programas de reforços na Política de Saúde. Em meio a todas essas mudanças, foi promulgada a Lei nº 7.498/96, que regulamentava o exercício da enfermagem. Embora essa lei contivesse uma proposta avançada para a prática da assistência, parecia não se articular com algumas das diretrizes da reforma do setor saúde, não trazendo, até o momento, mudanças significantes ao atual currículo de graduação.

Em 1989, o documento sobre a proposta preliminar de reformulação do currículo mínimo para o curso de graduação em enfermagem estabeleceu que ao enfermeiro compete desenvolver atividades nas áreas de assistência, gerência, ensino e pesquisa. O marco referencial desta proposta trouxe "uma visão crítica das condições de vida e o perfil epidemiológico da população, das diretrizes políticas definidas para o setor saúde, da demanda do serviço de saúde, e a função e o espaço do profissional, neste contexto" (Freitas, 1989). Com base nestes princípios, o documento define o perfil do profissional a partir de uma formação generalista.

Através desta retrospectiva histórica do ensino de enfermagem nos cursos de graduação no Brasil não se conseguiu obter dados concretos quanto à formação de recurso humano para a área de enfermagem

oncológica. Porém, a análise da maneira como o ensino de enfermagem veio sendo conduzido, priorizando o aspecto curativo da assistência, permitiu-nos inferir que não houve destaque para o ensino da cancerologia.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é que os estudos mais recentes dão conta de que "o câncer atinge indivíduos numa fase produtiva de sua vida, que o diagnóstico, na maioria das vezes, é realizado numa fase avançada da doença, quando o tratamento implica em altos custos econômicos e sociais e o prognóstico é sombrio para aqueles casos que não são diagnosticados precocemente" (Brentani et al., 1990).

Preocupada com esses aspectos e com o ensino de oncologia, a Comissão Nacional para o Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem, criada em setembro de 1987, elaborou um documento com as diretrizes para implementação da educação em câncer (Ministério da Saúde, 1987), que foi encaminhado à Comissão de Especialistas de Ensino. Esta Comissão efetuará estudos no sentido de propiciar as mudanças no currículo de enfermagem, tendo em vista a gravidade da moléstia e a importância do ensino da prevenção.

Reforçando esta preocupação sentida pela Comissão Nacional do Ensino de Cancerologia, alguns autores têm realizado estudos que reforçaram a necessidade urgente de se corrigir esta distorção do ensino.

Assim é que o estudo realizado por Rodrigues e Queiroz (1988) identificou a situação do ensino de enfermagem oncológica nos cursos de graduação em enfermagem no Brasil, verificando que a maioria das escolas consultadas ministra enfermagem oncológica nos seus currículos, porém, com conteúdo reduzido e carga horária pequena, sendo, muitas vezes, oferecido apenas o ensino teórico.

Complementando este estudo, Cezaretti et al. (1990) realizaram um levantamento sobre o ensino de oncologia nas escolas de enfermagem da Grande São Paulo, onde verificaram que todas as escolas ministram o ensino da enfermagem oncológica como unidade de programa dentro das disciplinas, sendo principalmente nas de Enfermagem Médico-Cirúrgica e de Enfermagem Obstétrica e Ginecológica. A carga horária teórica e prática destes cursos variou muito de escola para escola.

As autoras questionam "a possibilidade de o futuro profissional ter condições para transmitir informações básicas e corretas à população, assim como ser capaz de planejar e executar os cuidados necessários à assistência do paciente canceroso, a partir do conteúdo ministrado" e, ainda, "acredita-se que essa preocupação seja comum às docentes das instituições que responderam a este questionário, pois a maioria manifes-

tu interesse em participar de grupos de trabalho para discutir os programas de oncologia nos cursos de graduação em enfermagem".

Reconhece-se que cada escola, embasada numa filosofia e num marco conceitual próprios, vise formar enfermeiros, segundo o modelo que acredita ser o mais adequado para atender às necessidades da comunidade em que está inserida, bem como atuar conjuntamente com os profissionais da área da saúde na prestação de assistência à população.

Decidiu-se realizar este estudo com o seguinte objetivo: o de verificar, junto aos enfermeiros que trabalham em Unidades de Oncologia, se eles se sentem preparados para assistir o paciente com câncer, com base nos conhecimentos e habilidades adquiridos no curso de graduação em enfermagem.

## Metodologia

*População:* os dados para este trabalho foram coletados junto aos enfermeiros que atuam em Unidades de Internação ou de tratamento específico de um hospital especializado e a alunos de uma instituição-escola que oferece um curso de especialização em Enfermagem Oncológica da cidade de São Paulo.

*Coleta e tratamento dos dados:* o instrumento de coleta de dados constou de um questionário composto por dados de identificação relativos aos enfermeiros, à instituição e à escola em que se formou e, ainda, de seis questões semi-abertas, de modo a permitir que os enfermeiros se expressassem em relação à sua formação na área de enfermagem oncológica no curso de graduação.

Os questionários foram aplicados ao grupo de enfermeiros do hospital especializado e ao grupo de alunos do curso de Especialização em Enfermagem Oncológica, após contato com a chefia de enfermagem da respectiva instituição e coordenadora do curso de especialização.

As respostas dos questionários foram submetidas à análise e à apresentação dos resultados organizada em tabelas de frequência simples e quadros.

## Resultados e discussões

No início deste trabalho havia uma proposta dos autores de consultar um grande número de enfermeiros que trabalhassem diretamente com pacientes oncológicos e que fossem formados pelas escolas da Grande São Paulo há menos de quatro anos, o que possibilitaria obter dados em relação ao produto das escolas consultadas num trabalho anteriormente realizado. Isto poderia contribuir com um diagnóstico de como as escolas estariam formando estes profissionais e permitir o cruzamento das informações, enriquecendo ambos os estudos. O limite de tempo facilitaria a

lembrança, por parte dos entrevistados, da experiência vivida no início do contato com a prática profissional.

Todavia, a proposta inicial se mostrou impossível de realização na medida em que se começou a investigar as instituições e percebeu-se que eram poucos os profissionais com estes pré-requisitos, por isso optou-se por consultar os enfermeiros que atuavam num hospital especializado da Grande São Paulo e também alunos do Curso de Especialização em Enfermagem.

A amostra, portanto, foi constituída de 25 enfermeiros do sexo feminino que prestam assistência a pacientes oncológicos, tanto nas unidades gerais como nas específicas, e em outras áreas da assistência (como ambulatórios e órgãos oficiais) e também em escolas de ensino superior e de nível médio.

**Tabela 1.** Enfermeiros segundo a instituição onde trabalham. São Paulo, 1991.

Instituição	Nº
Hospital especializado	16
Hospital geral da rede pública	7
Hospital geral da rede privada	2
Total	25

Nesta tabela, vê-se que a maioria dos enfermeiros consultados trabalha em hospital especializado em cancerologia. Considera-se que este fato confere concretude às respostas obtidas no questionário, que permitirão uma análise da realidade do ensino e da assistência, já que esses enfermeiros possuem experiência na assistência ao paciente com câncer.

**Tabela 2.** Enfermeiros segundo o setor de trabalho nas instituições. São Paulo, 1991.

Setor de trabalho	Nº
Unidade de tratamento específico	11
Unidade de internação	7
Setor relacionado ao ensino	5
Outros	2
Total	25

Vê-se, por estes dados apresentados, que a amostra contempla tanto as unidades de tratamento específico, o que geralmente caracteriza atendimento ambulatorial, como as unidades de internação e de ensino da disciplina de Oncologia, tanto a nível de graduação quanto a nível de ensino médio. Estes dados conferem diversidade às respostas dos enfermeiros segundo as suas experiências nos vários setores da assistência de enfermagem.

**Tabela 3.** Enfermeiros segundo a região a que pertence a escola onde se formaram. São Paulo, 1991.

Região	Nº
Grande São Paulo	12
Interior de São Paulo	7
Outros estados	6
Total	25

Embora na introdução do trabalho tenham sido citados dois estudos (Rodrigues & Queiroz, 1988 e Cezareti et al., 1990) que já trazem o diagnóstico do ensino de enfermagem oncológica no Brasil e na Grande São Paulo, a presença de profissionais de outros estados na amostra se fez importante, porque os dados vêm ratificar os achados dos autores daqueles trabalhos confirmados nas pessoas dos profissionais provenientes dessas escolas.

Assim é que tanto as respostas dos profissionais das escolas da Grande São Paulo como as do interior e de outros estados trazem pouca variação quanto ao conteúdo e carga horária recebidos, como será visto nas tabelas a seguir.

Quanto à resposta relativa ao fato de a escola ter ministrado conteúdo sobre enfermagem oncológica no curso de graduação, 12 enfermeiros responderam SIM, enquanto que 13 disseram NÃO.

Relacionando estes dados ao tempo de formado do enfermeiro (Tabela 4), pode-se verificar que, dos 13 enfermeiros que responderam não ter recebido ensino de enfermagem oncológica no curso de graduação, a maioria (10 enfermeiros) tem mais de seis anos de formado, o que pode caracterizar uma mudança na importância que tem sido dada ao ensino da cancerologia nas Escolas de Enfermagem nos últimos anos.

**Tabela 4.** Distribuição dos enfermeiros quanto ao tempo de formado e à resposta a ter tido enfermagem oncológica no Curso de Graduação em Enfermagem. São Paulo, 1991.

Tempo de formado	Sim	Não
0 - 2	-	1
2 - 4	2	1
4 - 6	2	1
6 - 8	1	4
8 - 10	5	2
> 10	2	4
Total	12	13

Dado ao fato de que muitos dos respondentes não tiveram enfermagem oncológica nos cursos de graduação, a partir das próximas tabelas passa-se a trabalhar

com N = 12, que corresponde àqueles que tiveram e que, portanto, estão aptos para responder às questões de números 2, 3 e 4.

Dos 12 enfermeiros que tiveram enfermagem oncológica no curso de graduação, todos consideraram o conteúdo teórico insuficiente para desenvolver conhecimentos e habilidades necessários ao desempenho de assistência ao paciente oncológico. As justificativas para tal estão relacionadas no Quadro 1.

**Quadro 1.** Justificativa dos enfermeiros que consideraram insuficiente o conteúdo teórico de enfermagem oncológica nos Cursos de Graduação em Enfermagem. São Paulo, 1991.

Justificativas	Nº
Conteúdo teórico limitado/vago	4
Conteúdo teórico insuficiente	3
Enfoque somente em patologia	3
Não respondeu	2
Total	12

Estes dados corroboram o que já havia sido diagnosticado pelo trabalho de Rodrigues e Queiroz (1988) quanto à diversidade de cargas horárias e conteúdos dispersos em diferentes disciplinas do curso de graduação.

Em relação aos campos de estágio utilizados, somente dois enfermeiros afirmaram que estes ofereciam condições para desenvolver atitudes e habilidades necessárias ao desempenho da assistência ao paciente oncológico. Os outros, num total de nove que responderam NÃO, justificaram segundo o Quadro 2.

**Quadro 2.** Justificativa dos enfermeiros quanto aos campos de estágio utilizados. São Paulo, 1991.

Justificativas	Nº
Estágio em enfermarias não específicas	6
Não houve estágio	2
Número elevado de alunos	1
Total	9

Como vimos, a maioria dos enfermeiros considerou os campos de prática utilizados inadequados para o aprendizado. Isto demonstra que, apesar de estar sendo ministrada enfermagem oncológica, pode não estar havendo uma preocupação, por parte das escolas, em adequar a teoria à prática.

Quanto à carga horária teórica e prática ministrada sobre o conteúdo de enfermagem oncológica, todos os enfermeiros responderam ter sido esta insuficiente para o aprendizado, sendo que os motivos estão relacionados no Quadro 3.

**Quadro 3.** Motivos apresentados pelos enfermeiros quanto às cargas horárias em enfermagem oncológica dos cursos de graduação. São Paulo, 1991.

Motivos	Nº
É insuficiente para ensinar as noções básicas	2
"Não dá tempo para ensinar os avanços em câncer"	1
"O câncer deveria ser uma disciplina"	1
"O aprendizado só vem com a prática"	1
Sem justificativa	7
Total	12

Chamou-nos a atenção, neste quadro, o número de respondentes que deixou de dar os motivos pelos quais considerou a carga horária insuficiente para o seu aprendizado; talvez isto se deva à grande distância do tempo de formado das respondentes.

Quando questionamos sobre a necessidade de realizar algum curso de aprimoramento ou extensão em oncologia, 10 enfermeiros responderam que SIM e os cursos realizados foram de curta duração.

Estes dados confirmam que, na realidade, os enfermeiros sentiram necessidade de aprimorar os seus conhecimentos em enfermagem oncológica, a fim de melhorar a qualidade da assistência prestada ao paciente.

Em relação a ter encontrado dificuldades no desenvolvimento da assistência de enfermagem ao paciente oncológico relacionadas com a formação profissional, apenas seis enfermeiros responderam afirmativamente, citando os motivos apresentados no Quadro 4; porém, dos seis enfermeiros que responderam não ter dificuldade, cinco deixaram de apresentar as justificativas.

**Quadro 4.** Dificuldades apresentadas pelos enfermeiros no desenvolvimento da assistência ao paciente oncológico. São Paulo, 1991.

Dificuldades	Nº
Pouco conhecimento sobre a patologia e o tratamento	3
A deficiência na carga horária dificulta a prática profissional	2
Próprias do início da carreira profissional	1
Total	6

As dificuldades aqui apresentadas chamaram a atenção pelo fato de não ter sido mencionado nenhum problema relacionado à área psicossocial, o que pode confirmar as dificuldades dos enfermeiros em assistir o paciente nestes aspectos. O estudo de Ferreira et al. (1991) demonstrou que os enfermeiros consideraram

que há pouca preocupação das escolas em prepará-los para assistir emocionalmente o paciente.

### Conclusão

Os dados apresentados e discutidos durante a realização deste estudo vêm confirmar os trabalhos já realizados sobre o ensino de enfermagem oncológica no curso de graduação onde a formação de recurso humano específico continua deixando bastante a desejar, tanto no aspecto da qualidade do que é ensinado, bem

como na falta de uma metodologia adequada de ensino desta especialidade.

Isto fica bastante patente diante da verificação de que muitos enfermeiros sentem a necessidade de realizar curso de aprimoramento como forma de trabalhar as inúmeras dificuldades que encontram no desempenho de sua assistência.

Mediante estes dados, pode-se concluir que se faz necessário que as escolas invistam no ensino da cancerologia nos cursos de graduação preconizado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 1988).

## ANEXO I QUESTIONÁRIO

### IDENTIFICAÇÃO

Instituição \_\_\_\_\_

Setor de trabalho \_\_\_\_\_ Há quanto tempo \_\_\_\_\_

Escola onde se formou \_\_\_\_\_

Tempo de formado \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

1. A sua escola ministrou Enfermagem Oncológica no Curso de Graduação?

SIM ( )

NÃO ( )

Se a resposta for SIM, responda todas as questões a seguir e, se for NÃO, passe para as questões 5 a 8.

2. Você considerou o conteúdo *teórico* de Enfermagem Oncológica ministrado no Curso de Graduação suficiente para desenvolver conhecimentos e habilidades necessários ao desempenho da assistência ao paciente oncológico?

SIM ( )

NÃO ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

3. Os campos de *estágio* utilizados ofereceram condições para desenvolver atitudes e habilidades necessárias ao desempenho na assistência ao pacientes oncológico?

SIM ( )

NÃO ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

4. Você considerou a carga horária ministrada nesta área, tanto para a teoria quanto para os estágios, suficiente para o seu aprendizado?

SIM ( )

NÃO ( )

Justifique: \_\_\_\_\_

5. Você precisou realizar algum curso de aprimoramento ou extensão em Oncologia para complementar os seus conhecimentos para atuar na área?

Qual(is)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6. Você teve dificuldades no desenvolvimento da assistência de enfermagem ao paciente oncológico e que você considerou estarem relacionadas à sua formação profissional?

SIM ( )

NÃO ( )

Qual(is)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7. Ao desenvolver as atividades assistenciais você encontra dificuldades no relacionamento enfermeira-paciente-família?

Qual(is)? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8. Por que razão optou por trabalhar nesta especialidade?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## Summary

*Proposing to analyse whether nurses working in Oncological units perceive themselves as prepared to care for the cancer patient when based in the information and skills achieved during the undergraduation nursing course, the present investigation showed that the amount of training regarding that area is quite inadequate. The teaching of Cancerology in Nursing Schools showed to include either inadequate theoretical and practical contents or else a lacking methodology adopted for that specialty learning. The study emphasized the need for establishing the "Guidelines for Cancerology teaching in the undergraduation nursing courses" within practice, as recommended by the Ministry of Health.*

**Key words:** human resources; nursing; oncology

## Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Saúde. Pro-Onco. Diretrizes para o ensino de cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem. Rio de Janeiro, 1988: 10.
- CASTRO APC et al. Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem e a Política Nacional de Saúde. Trabalho apresentado no Seminário do Ensino Superior de Enfermagem, 1987.
- CEZARETI IUR et al. Estudo sobre o ensino de oncologia nas escolas de enfermagem da Grande São Paulo. Acta Paul Enf São Paulo, março 1991; 4(1): 5-10.
- FERRAZ NMF. A formação de recursos humanos na enfermagem face à Lei do exercício profissional. In: Jubileu de Ouro do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 1989. Anais... São Paulo, 1989: 29-39.
- FERREIRA NML et al. O enfermeiro frente às manifestações emocionais do paciente hospitalizado, No prelo.
- FREITAS DMV, MICHIMA S, ROCHA SMM. A formação do enfermeiro frente às políticas de saúde. In: Jubileu de Ouro do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 1989. Anais... São Paulo, 1989.
- GERMANO RM. Educação e ideologia da enfermagem no Brasil. São Paulo, Cortez, 1983, cap. 1.
- MÉDICI AC et al. El mercado de trabajo en salud: aspectos teóricos, conceptuales y metodológicos. Rev Edc Med Salud, enero/ mayo, 1991; 25(1): 1-14.
- OLIVEIRA MIR. O enfermeiro e a enfermagem. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, 33, 1981. Anais... Brasília, 1981: 19-31.
- PAIXÃO W. História da enfermagem. 5ª ed. Rio de Janeiro, Julio C. Reis, 1979: 103-107.
- RODRIGUES C, QUEIROZ J. A situação atual do ensino de enfermagem oncológica nos cursos de graduação em enfermagem no Brasil. Rev Paul Enf, São Paulo, jan/fev/mar, 1988; 8(1): 23-25.
- SILVA ALC, BARROS SMP, VIEIRA TT. Marco conceitual e estrutural dos currículos dos cursos de graduação em enfermagem. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, Fortaleza, 1979: 31. Anais... Brasília, ABEn, 1979: 107-114.
- VIEIRA TT, SILVA ALC. Recursos Humanos na área de enfermagem: adequação de formação à utilização. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, Porto Alegre, 1982: 34. Anais... 1982: 61-67.